



João Paím Vieira

# A moratória do turismo nos Açores

Há vinte anos e uns dias estava nas Canárias mais precisamente em Santa Cruz de Tenerife nas III Jornadas de Engenharia Insular Açores, Madeira e Canárias com Cabo Verde como observador.

Como Presidente da Secção Regional dos Açores da Ordem dos Engenheiros fiquei na Sessão inaugural ao lado do Engenheiro Industrial Adán Martín Méis - Vice-presidente do Governo de Canárias.

Houve um atraso no começo dos trabalhos e ele disse-me algo que era obviamente importante para o Governo dele - Sabes esta semana conseguimos finalmente impor a Moratória do turismo nas Canárias.

Viu logo que eu estava a milhas do assunto esclareceu: É a proibição total por dois anos de novas construções e estabelecimentos para o turismo enquanto estudamos a situação do setor nas Canárias.

E continuou: Imagina que os que estão contra esta paragem, autarquias e grupos económicos locais e estrangeiros conseguiram impedir a entrada em vigor desta medida nos tribunais durante vários meses e nesse período licenciaram mais 20.000 camas.

Só pensei no que se teria passado de suficientemente grave para um Governo de uma Região Autónoma ter de impor proibições contra a vontade das autarquias e empresas turísticas aspirantes.

Nessa altura começaram os trabalhos (nos primeiros dias em Tenerife e depois na Gran Canaria) com muitas e variadas visitas técnicas e intervenções das Regiões participantes e de várias áreas da Engenharia durante 4 dias em que os Açores apresentaram entre muitas outras uma intervenção da Sogeo sobre a geotermia a nossa energia renovável e sobre a reconstrução dos estragos do sismo de 98 no Faial e Pico pela actual Secretária das Obras Públicas.

Mas voltando á moratória do turismo nas Canárias devolveu claramente a voz sobre o futuro do turismo nas diferentes ilhas aos seus habitantes e as escolhas foram muito diferentes também.

Que havia problemas com o turismo era óbvio com muitas conversas e opiniões mesmo no ambiente neutro das Jornadas.

Temos turismo a mais ou não, prejudica a vida dos habitantes ou não concordando ou não com a moratória quase todos achavam que se devia discutir o problema.

Passou um bocado ao lado das outras nacionalidades e devo dizer que achei que nunca teríamos problemas daqueles nos Açores mesmo depois de ver lá o óbvio excesso de turistas em certas zonas.

Na altura passamos pelas Playas del Inglés e de Las Americas que nos pareceram algo de péssimo em todos os aspectos possíveis e imagináveis mas que ingenuamente achamos que nunca se poderia passar nos Açores.

Em 2018 vindos de Marrocos-Agadir no barco já percebemos o que significa para uma ilha com um milhão de habitantes - Tenerife ter 5 milhões de turistas e apesar do enorme reordenamento e tentativa de controle que se vê em todas as actividades o resultado não é brilhante passando por filas de milhares de carros no acesso ao Teide (o Pico deles) apenas para dar um exemplo.

Estivemos nas 4 ilhas em que o impacto do turismo foi maior Lanzarote, Fuerteventura, Tenerife e Gran Canaria e ao contrário dos Açores há nas Canárias muitos estudos sobre o fenómeno por exemplo da Universidade de La Laguna (Moisés Simancas de quem é a obra cujo extrato deixei no original abaixo).

La Ley 19/2003, por el que se aprobaron las Directrices de Ordenación del Turismo de Canarias, continuó el proceso de intervención pública denominado comúnmente como "moratoria turística canaria", iniciado en 2001

Foi por isso com muito interesse que estive nas 1ªs (????) Jornadas da Ordem dos Engenheiros - Açores em Setembro 2019 em que também se abordou o tema turismo e das Canárias houve intervenções que, depois desse Verão em S. Miguel, deveriam ter chamado a atenção para os erros que outros cometeram e que seria importante não repetirmos.

Desde zonas consideradas perdidas ás fortes restrições nas consideradas ainda em condições de uma utilização normal pela população via-se que já estavam longe da perspectiva economicista e de lucro fácil e principalmente para estrangeiros que dominou grande parte do turismo naquela região (e vai a caminho na nossa).

Inclusivamente há ilhas que praticamente impossibilitaram por escolha própria o desenvolvimento do turismo de massas que quase destruiu a vida das pessoas nas outras.

Nos Açores em 2019 S. Miguel teve um perfil semelhante ao considerado desastroso nas Canárias vinte anos antes e que provocou muito desassossego social a roçar a desobediência civil e conflitualidade.

E nos Açores o problema é pior porque os meses de turismo real são muito menos que nas Canárias o que concentra mais gente em menos tempo com um impacto para a população residente que se torna insuportável e o Governo novo? continua a dar milhões ilegalmente (segundo o TC nacional) á ATA para comprar lugares em aviões e imaginar um clima que não temos e continua a licenciar abortos e pior a dar-lhes o dinheiro de todos nós.

Mesmo ainda com a pandemia em cima é urgente pensar qual é o futuro que queremos para o turismo nos Açores ( nós todos não apenas os do costume na televisão, donos de hotéis que nunca abriram e não asseguram postos de trabalho, associações disto e daquilo etc.) e como esta perturbação ainda vai durar pelo menos dois anos uma paragem nas construções turísticas pelo menos nas ilhas com mais problemas poderia proteger os existentes e dispensar a eternização das ajudas públicas agora com outras desculpas que irão surgir todos os invernos.

Para além disso os milhões de euros de fundos comunitários permanentemente exportados para fins de interesse duvidoso poderiam ser bem e finalmente utilizados na melhoria das condições de vida e saúde das pessoas nos Açores principalmente das que ficaram para trás claramente no milagre socialista e na pandemia e que continuam para trás e não sou eu que o digo são todas as estatísticas nacionais e regionais.

Portanto nas ilhas em que se entendesse que ainda havia espaço para alguns empreendimentos tal deveria ser reservado aos que tivessem capital para isso sem nos roubarem fundos comunitários ou participarem á grande na "recuperação e resiliência" o novo forrobodó de apropriação privada de dinheiros públicos.

Por isso sim, sou a favor de uma moratória nas construções turísticas que assegure que a capacidade já existente tem possibilidade de subsistir e que se estude como compatibilizar o turismo com os Açorianos todos, como garantir que gera empregos verdadeiros e não Odemiras (foi um dos conflitos maiores nas Canárias quando a população começou a perceber que os seus empregos prometidos estavam a ser substituídos por Asiáticos e outros mais baratos e sazonais = descartáveis).

E agora é claramente o que muitos deles pedem ainda ontem no Diário Insular que tinham clientes mas não tinham trabalhadores.

Talvez não tenham trabalhadores porque algumas vezes lhes pagam o salário mínimo ou menos e apenas alguns meses por ano embora com honrosas excepções de verdadeiros empresários que pagam bem e mantêm os trabalhadores ao longo do ano.

Aliás é curioso que aqueles são os que se queixam e que dizem que a sazonalidade pode não existir claro muitos nem cá passam o ano todo.

Que se devolva a voz a todos e não apenas aos interessados diretamente, autarcas etc., que estão até a chegar ao ponto de licenciarem construções de volumetrias completamente inacessíveis ao Açoriano normal com as alterações marteladas e arrançadas das regras principalmente junto ao mar e dou um exemplo na Lagoa, inacreditável a ser verdade, no Restaurante do Largo do Cruzeiro na Atalhada algo que começou ilegal, foi em cima do calhau e do domínio público, passou de esplanada inofensiva a restaurante com telhado e agora queriam? transformar em Hotel de vários pisos incluindo o estacionamento em frente e qualquer pessoa que conheça já viu que agora já é impossível mas mais ainda?

Quem quiser que acredite que, por trás destes abortos que proliferam e com impacto visual enorme (vejam do mar o monstro ao pé do Ilhéu de S. Roque supostamente zona protegida reserva de não sei quê), não está a corrupção pura e dura e nem sequer investigada porque nem é percebida como tal.